

Revista Saúde em Redes (ISSN 2446-4813), v. 8, Supl.++ n. 1 (2022).

ARTIGO DE REVISÃO

DOI: 10.18310/2446-4813.2022v8nsup1p321-337

O mapa das redes de conexões existenciais: uma leitura micropolítica da ferramenta ecomapa

The map of existential connections networks: a micropolitical reading of the eco-map tool

Helvo Slomp Junior

- ORCID 0000-0001-5346-0965 –

Universidade Federal do Rio de Janeiro - Campus Macaé (Curso de Medicina)

Emerson Elias Merhy

- ORCID 0000-0001-7560-6240

- Universidade Federal do Rio de Janeiro - Campus Macaé (Curso de Medicina)

Tulio Batista Franco

ORCID 0000-0001-7372-5262

Doutor em Saúde Coletiva. Professor Associado da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo: O objetivo deste ensaio é contribuir para o debate em torno da ferramenta ecomapa, hoje bastante utilizada na área da saúde brasileira por agregar abordagens familiar e comunitária na análise de casos, a partir do referencial da micropolítica do trabalho e do cuidado em saúde frente ao pensamento sistêmico, referencial que orienta a ferramenta. Trata-se de um ensaio teórico no qual se elenca os principais conceitos relativos ao pensamento sistêmico e referenciais correlatos, a fim de se fazer um exercício de pensar o uso da ferramenta dentro de uma perspectiva micropolítica, utilizando-se de autores franceses e brasileiros. Como resultado, de representação gráfica das relações para dar visibilidade às redes sociais de suporte, centrando-se no sujeito e em seu contexto relacional, o ecomapa passa a ser tido também como um emaranhado tridimensional de agenciamentos relacionais e que contam com uma dimensão temporal, ao projetar um fotograma de um entrecruzamento de trajetórias existenciais.

Palavras-chave: redes familiares; serviços de saúde comunitária; redes comunitárias; micropolítica.

Abstract: The objective of this essay is to contribute to the debate around the ecomap tool, which is currently widely used in the Brazilian health area, as it brings together family and community approaches in case analysis, based on the framework of the micropolitics of work and health care against the systemic thinking, the reference that guides the tool. This is a theoretical essay in which the main concepts related to systemic thinking and connected references are listed, in order to make an exercise in thinking about the use of the tool within a micropolitical perspective, using French and Brazilian authors. As a result, from a graphical representation of relationships to give visibility to social support networks, focusing on the subject and his relational context, the ecomap is also seen as a three-dimensional tangle of relational agencies that have a temporal dimension, by projecting a photogram of an intersection of existential trajectories.

Keywords: family; community health services; community networks; micropolitic.

Introdução

No Brasil de hoje o ecomapa é bastante utilizado na área da saúde, especialmente em atividades que decorrem de uma concepção de saúde-doença que não se restrinja ao corpo biológico do indivíduo, em que se busque agregar uma abordagem familiar e até comunitária, seja para a busca de redes sociais de suporte (1,2), seja para uma melhor compreensão de cada caso (3,4). Tais abordagens não restritas fazem parte de um amplo cardápio de instrumentos e ferramentas de uso corrente na atenção básica, especialmente na estratégia de saúde da família, mas também na atenção domiciliar, justamente por se tratarem de serviços nos quais as equipes têm sido levadas a problematizar seus processos de trabalho, nas últimas décadas do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil (3–6).

Nossa experiência com o ecomapa tem acontecido em atividades de ensino, especificamente na graduação médica, e por isso este artigo tem como foco principal esta área. Discentes têm como tarefa elaborar projetos terapêuticos, que devem ser territorialmente situados, ou seja, do problema clínico com referência ao corpo olha-se para o contexto da sua vida, considerando sua história, ambiente sócio-afetivo, relações de família e comunidade. O projeto terapêutico tal como colocado aqui, clínico-situacional, por sua vez pede algumas ferramentas, e o ecomapa se mostra uma das mais “amigáveis”, de fácil entendimento e fácil assimilação, e que rapidamente fornece subsídios para discussões bastante produtivas na compreensão de casos com este perfil, referenciado no território de existência do usuário.

Representação gráfica, como seu “irmão” genograma, neste mapa coloca-se no centro o sujeito (individual ou coletivo) que nos interessa no momento, denominado “sujeito-índice” ou “família-índice”, e desenha-se seu contexto relacional para facilitar a visualização de suas redes sociais de suporte. Talvez isso explique a longevidade desta ferramenta, e tem despertado nossa curiosidade: o que há por trás de tal simplicidade? Está claro que a aparente simplicidade é ilusória.

Este ensaio, exercício teórico inspirado em algumas de nossas experiências, tem como objetivo aquecer o debate em torno da ferramenta ecomapa, trazendo uma reflexão a partir do referencial da micropolítica do trabalho e do cuidado em saúde com relação ao pensamento sistêmico, referencial de base que orienta a ferramenta. A justificativa deste texto é o pressuposto de que existem pontes entre ambos os referenciais, como a ênfase nas relações entre sujeitos, ou o ponto de vista contextual quanto

a essas relações, e que por isso sua utilização em conjunto não traz prejuízos a nenhum deles, já que também há distanciamentos, podendo representar um enriquecimento no uso do ecomapa.

O ecomapa e alguns de seus usos na área da saúde

O ecomapa foi inventado em meados dos anos 1970 pela assistente social Ann Hartman, então professora da Universidade de Michigan, que também utilizava o genograma e integrava ambas as ferramentas (1). Em um texto de 1978, citado obrigatoriamente por quem quer que estude o ecomapa, Hartman já traçava todo o perfil da ferramenta: uma simples simulação “em lápis e papel” para servir de apoio a entrevistas e intervenções junto às famílias. A autora conta como havia proposto o ecomapa para apoiar o trabalho de equipes envolvidas em um projeto de sua universidade, voltado à aprendizagem infantil, quando precisavam se ocupar das necessidades das famílias (1).

Vinculando esta descoberta – e seu uso – à teoria do sistemas, já na abertura de seu artigo, referencial que comentaremos na próxima seção, Hartman explica a inspiração para o nome escolhido: “Ao utilizar a metáfora ecológica, é claro que o ambiente humano conspícuo inclui muito mais do que ar, água, comida, arranjos espaciais, e outros aspectos do ambiente físico. Os ambientes humanos também incluem redes de relacionamentos humanos íntimos” (1) (pg. 467, *tradução nossa*).

Podemos nos remeter aqui à primeira frente de trabalho da autora com o ecomapa na educação infantil em situações de doenças crônicas, quando propunha que somente contemplando-se o “cliente” como parte de um sistema ecológico complexo é possível encontrar as fontes de cuidado e estimulação necessária para a sobrevivência e o crescimento, e, a partir desta perspectiva, olhar novamente para o indivíduo e avaliar suas habilidades sociais e relacionais, a fim de aproveitar essas fontes no sentido de atender às suas demandas (1).

A partir desta oferta inicial, o ecomapa segue sendo utilizado por equipes de várias áreas da intervenção social, quando colocadas frente a problemas complexos de indivíduos que, sozinhos, não conseguem enfrentá-los (1,7,8), ganhando em acúmulo experiencial e tornando-se também ferramenta de coleta de dados para pesquisas (8). Correia (2007) aponta que o uso do ecomapa vai tender gradativamente a se afastar daqueles que vivenciam as redes de suporte, para tornar-se ferramenta de avaliação das percepções de profissionais, e construção de indicadores sobre essas redes (2). A questão básica aqui é que o projeto de Hartman já queria mais para esta ferramenta desde sua invenção, pois, ao contrário de outras estratégias e ferramentas, conta com a participação dos envolvidos em sua

construção, o que faz com que possa acionar percepções que influenciem em decisões sobre projetos de vida (1,2,9).

Mas o que é o ecomapa? Esta “simples simulação em lápis e papel”, segundo Hartman, é um “diagrama solar” (2), ou seja, um desenho básico de círculos próximos uns dos outros, sendo o sujeito-índice ou família-índice representados pelo círculo central, e as demais “estruturas” relacionadas a eles em círculos ao seu redor, conforme a figura 1.

A ligação entre os círculos é que vai caracterizar a ferramenta. Se os círculos estão representados no diagrama, então devem ter relação entre si, qualquer que seja ela, e consagrou-se, desde a proposta de Hartman, um conjunto de linhas codificadas para representar essas relações, que apresentamos na figura 2.

Na figura 2, notamos que as relações interrompidas ou conflituosas tiveram sua representação gráfica modificada ao longo das décadas. Desde seus primórdios o ecomapa tem sido apresentado e usado em conjunto com o genograma, de onde cremos que teria vindo esta modificação. Muito bem, agora vamos interligar as “estruturas” de nosso ecomapa, estabelecendo relações entre elas, conforme a figura 3.

Este exemplo fictício e simples já nos possibilita ver a quantidade de informações que o ecomapa fornece, e a facilidade de acesso visual a elas, o que explica a disseminação de seu uso. Na vida do Sr. Alberto são fortes as relações com os familiares com quem habita, e também com os vizinhos próximos, mas em ambos os casos com um “investimento” desigual, não simétrico. Porém, com a comunidade ampliada há um distanciamento de mútuo investimento, e no caso da família ampliada há sérios conflitos. Só com essas informações já é possível pensar sobre como se dá – ou não – o suporte social.

O ecomapa é elaborado a partir de narrativas estimuladas por facilitadores junto a quem vive e/ou viveu as relações, e, como já dissemos, deve ser desenhado em conjunto com os maiores interessados, ou ao menos mediante a validação destes. A própria produção das memórias já é parte da intervenção que o projeto hartmaniano previa, desde sua concepção (1,2). Neste nosso exemplo, o Sr. Alberto – e quem mais de sua vida fosse possível envolver – estariam juntos na construção do diagrama, criticando as escolhas de representação das relações, acrescentando e deletando “estruturas” circunjacentes. Este modo de construção existe desde a formulação inicial do ecomapa (1) e perdura até os dias de hoje (2), consistindo talvez, ao nosso ver, uma grande potência desta ferramenta.

O ecomapa, quando presente nas práticas de saúde, claramente remete aos princípios do SUS, incidindo em especial nos efeitos de integralidade do cuidado, considerada em seus aspectos mais singulares, locais e territoriais, já que, quando a ferramenta aponta para múltiplos aspectos da vida do sujeito, tende-se à abertura de fendas na blindagem do modelo biomédico, que como sabemos orienta a medicina e algumas outras profissões da saúde (10–12). A partir deste ponto caminhos diferentes podem se fazer, a depender de cada equipe/serviço, entre eles o da mudança das práticas de saúde (13), que tendem a ganhar em graus de integralidade.

Para os efeitos deste artigo, é importante o fato de que há um pensamento que norteia esta ferramenta, um referencial que lhe dá sustentação e até caminhos de análise. Ela tem sido aplicada junto a outras ferramentas animadas pelo mesmo referencial, produzindo uma leitura única. Relembraremos a seguir este referencial: o pensamento sistêmico.

O pensamento sistêmico como primeiro referencial do ecomapa

Nesta seção pretendemos resumir rapidamente como compreendemos o referencial teórico que fundou e que acompanha o ecomapa desde que foi forjado, e durante as primeiras décadas de seu uso, em grande parte de seus usos até os dias de hoje: a teoria geral dos sistemas (TGS) ou pensamento sistêmico (2,7). Algumas advertências se fazem necessárias: adiantamos que não somos especialistas neste referencial, e teremos oportunidade de apresentar o nosso próprio referencial na seção seguinte; usaremos o conceito “pensamento sistêmico” como unificador das correntes que o formaram, incluindo a TGS, portanto, para fins de síntese os apresentaremos com sinônimos.

Neste tema, em geral posicionado no campo da epistemologia, facilmente se constata um emaranhado de linhas de pesquisa e formulações que por vezes se entrecruzam, se fundem ou se distanciam, para reencontrar aqui ou ali, uma verdadeira trama, sistêmica ela própria, demandando escolhas para relatos como o que faremos a seguir. Conduziremos nossa síntese considerando como eixo central a confluência de duas teorias que tiveram desenvolvimentos independentes, mas que ao longo dos anos trocaram conceitos entre si: a TGS e a Cibernética (KYB), começando pela ecologia, mãe do pensamento sistêmico e do ecomapa, seguindo pela teoria da comunicação humana (TCH), um desdobramento da KYB nas ciências humanas, e a epistemologia da complexidade (EC), que também estabelecem conexões com todo o pensamento sistêmico. De tais produções retivemos aqui somente os conceitos sistêmicos centrais.

Segundo a história oficial, Ernst Haeckel, funda a ecologia como conceito e disciplina na segunda metade do século XIX, uma nova perspectiva que oferece os conceitos de economia e de política da natureza, ou seja, a importância das relações entre os seres vivos, suas interações (14). Outro biólogo, Ludwig Von Bertalanffy, ao final dos anos 1970 já terá traçado a TGS, segundo a qual cada sistema – assim como sistemas próximos entre si – são mutuamente interdependentes, sendo que uma mudança em qualquer elemento vai levar a mudanças nos sistemas como um todo (15,16).

O que um sistema aberto produz independência das condições que deram início ao seu funcionamento e seu equilíbrio, sendo determinado por seus próprios parâmetros (equifinalidade), pela interação entre seus elementos (sinergia) ou, ao contrário, por sua desordem interna (entropia). O resultado momentâneo e geral de tudo isso pode levar o sistema a manter a estabilidade de seu funcionamento (homeostase) ou, ao contrário e por influência do meio exterior a ele, transformar sua própria organização (morfogênese) (15,16): sistemas abertos são “aqueles que se mantêm a si mesmos em contínua troca de matéria com o ambiente” (pg. 207) (15). Para construir o modelo de homeostase e morfogênese a TGS emprestará da cibernética (KYB), desenvolvida desde o final da década de 1940, a noção de retroalimentação (*feedback*), negativa e positiva.

Conhecedores das formulações acima, Gregory Bateson e sua equipe de Palo Alto, na Califórnia, desenvolveram a teoria da comunicação humana (TCH), segundo o qual as mensagens não se restringem a comunicar o que quer que seja: muito mais importantes são seus efeitos nas atitudes de quem interage, em seus comportamentos (16). A TCH oferece então para o pensamento sistêmico conceitos como: o de intersubjetividade (ser capaz de autorreferência, de significar a experiência na conversação, e de incluir-se, como observador, em uma coconstrução); e noções como a de que a realidade objetiva não existe por si, mas depende do observador, assim como a de que a mente não estaria no cérebro mas nas relações (16).

A epistemologia da complexidade (EC) de Edgar Morin tanto se afasta do pensamento sistêmico, ao não privilegiar nem as “partes” e nem o “todo”, como se aproxima, ao privilegiar o conjunto das relações, seja entre o espírito e/ou a racionalidade e a realidade e/ou o mundo, seja entre sistemas que estão em constante movimentação (17,18), relações cujo evento fundamental é a informação (17). É de Morin também o conceito de “circularidade retroativa e recursiva”, presente no pensamento sistêmico, segundo o qual a informação, além de voltar à “entrada” do sistema, promove auto-organização e autoprodução, e eis a circularidade causa-produto (17,18).

O pensamento sistêmico passará a ser importante em abordagens familiares e comunitárias, em áreas sociais e da saúde (19,20), como por exemplo a estratégia de saúde da família, na atenção básica brasileira (4,5), ou a atenção domiciliar (6). Hartman, segundo Correia (2007), quando desenvolvia o tema da análise familiar, olhava para o que ela chamava “ambientes íntimo e ampliado” de uma pessoa como camadas deste sistema a serem perscrutadas, no sentido de tornar visíveis as redes sociais de suporte, que se encontrariam, principalmente, no chamado ambiente ampliado, e para tanto propõe ferramentas como o ecomapa e o genograma (1,2).

Trata-se de uma visão da família como sistema, e, pensando no ecomapa, do sujeito ou família-índice – e das “estruturas” em seu contexto – como um sistema composto por subsistemas. Uma mudança que acontece com um membro da família implica em mudanças na família como um todo, tornando-a mais ou menos “funcional”. Com efeito, é frequente encontrarmos expressões como desenvolvimento ou sistema familiar disfuncional, comportamentos, pensamentos, emoções e padrões de interação ou processos interpessoais disfuncionais (5,6,19,20). Faz sentido, se pensarmos que olhar sistemicamente requer atenção para uma equifinalidade que não estaria acontecendo ou teria falhas, e buscar o porque desta disfunção, perguntando-se, por exemplo: em que elementos a informação parou ou corrompeu-se interrompendo-se a retroação morfogenética ou a retroalimentação? Faltou “homeostase” no “sistema” familiar, e por quê? Mas, como discutiremos na próxima seção, haverá consequências desta que, para os adeptos deste pensamento, é uma coerência interna do mesmo.

De qualquer maneira, essa tradição sistêmica vem tensionando positivamente uma visão racionalista e analítica que habita o mundo da saúde, que privilegia as partes em detrimento do todo, por vezes invertendo esta relação. Com isso tem trazido benefícios importantes para a compreensão da realidade e para intervenções nas áreas social e da saúde, especialmente em abordagens familiares e comunitárias.

Mas o pensamento sistêmico não tem sido o único referencial manejado por usuários/as do ecomapa, e outros tantos têm sido relatados, por exemplo: EC, modelo Calgary, interacionismo simbólico, clínica ampliada, entre outros (2). Ou seja, supõe-se que, estando o ecomapa disponível, qualquer referencial que obrigatoriamente não colida com sua perspectiva sistêmica, e que possa conviver com ela, poderá ser associado em diferentes etapas do trabalho de elaboração e análise da ferramenta. É o caso da proposta deste artigo, a de agregar mais um referencial que tem nos auxiliado a tirar proveito desta ferramenta, a micropolítica, que apresentamos na seção seguinte.

O eomapa e a micropolítica das conexões existenciais

A seguir escolhemos alguns recortes de reflexão que poderiam ajudar a entender possíveis pontos de contato entre ambos os referenciais, os pensamentos de caráter sistêmico e micropolítico, ao menos quando da utilização desta ferramenta, pontos onde ambos ao mesmo tempo se aproximariam e se distanciariam. Certamente não esgotaremos os “pontos” possíveis neste primeiro ensaio sobre o tema, e nem mesmo conseguiremos esgotar este primeiro arremedo de problematização, que exigiria textos maiores. Neste artigo, vamos partir do entendimento sobre o que seriam as “relações” no encontro, e a seguir comentaremos sobre as dimensões espacial e temporal do eomapa.

Importante considerar que a aplicação do eomapa tem por objetivo obter uma narrativa do seu núcleo de análise, a pessoa ou família-índice e as suas relações, que são constitutivas das redes de apoio da própria família. Ou seja, mais importante do que o mapa é o discurso produzido pelos sujeitos em cena, que mais significam a trama que envolve o contexto de produção da vida de uma determinada família. O eomapa é uma ferramenta, e como tal, não prescinde do sujeito que fala, escuta, e põe em relação as “fontes” e os operadores dos “dados”, além de produzir a todos.

Há muito no eomapa de base sistêmica que se aproxima de um olhar micropolítico, especialmente quando a narrativa toma como centro o encontro entre a família e o outro das suas relações. Como o mapa se produz com base em conexões e fluxos entre aqueles que estão conectados na trama da rede de relações, a cada conexão corresponde um platô, ou seja, um lugar de encontro, de alta intensidade de trocas afetivas (21), onde as ideias de “rede de apoio”, ou “rede social de suporte” ganham um sentido de trocas intensivas. Segundo Spinoza, é no encontro que a família e o outro da sua rede, os “corpos” (22), ganham potência de agir, desde que tomados por afetos positivos provenientes deste encontro, assim como também podem reduzir sua potência se invadidos por afetos negativos.

Podemos dizer que a dinâmica de cada encontro atualiza uma maior ou menor potência de uma pessoa ou família para agir no mundo, e isto em variação contínua ao longo do tempo das vidas em relação. Tomando por esta referência, o eomapa vai nos demonstrar que os sujeitos experimentam variações intensivas conforme os encontros se produzam com aqueles/as com quem mantém suas redes de relações. Uma boa análise sobre a dinâmica familiar, tomando o eomapa como referência, poderia partir dos afetos que estes encontros são capazes de produzir.

Enfim, neste ponto de vista nos parece que o conceito de “funcionalidade” não se aplicaria, pois uma tal análise pede um olhar sobre a microfísica dos encontros e relações no cotidiano, tendo como pressuposto que toda atividade dentro do “sistema” tem como protagonistas as pessoas que habitam este lugar. As atividades a serem analisadas ganham visibilidade nas diversas camadas construídas no ecomapa. As inserções são singulares, ou seja, as pessoas assumem funções específicas em momentos particulares de suas vidas, expressando um contexto que ganha novas conformações com o tempo e os movimentos próprios da dinâmica das relações.

É possível entendermos qual seria a noção de “relações” que tem sido usada na saúde, quando do emprego do ecomapa de base sistêmica. Nas figuras 2 e 3 é possível valorarmos visualmente alguns aspectos das relações entre duas “estruturas do sistema”: a existência ou não de vínculo entre elas, e a “força” deste vínculo; a existência ou não de conflito nesta relação; e vetores de força unidirecionais que nos mostram qual seria o grau de “investimento” que cada sujeito faz na relação.

Outro olhar diria que o que vemos é a expressão da micropolítica em ato, ou seja, a ação cotidiana de cada um a partir do seu lugar social. Passamos então a discutir essas ações no contexto da trama das relações registradas no ecomapa. Considerando que a atividade de cada pessoa no seu plano particular é agenciada por vontades, expectativas, valores e crenças, entendemos que sua ação é eminentemente política, porque é a expressão de um projeto a ser construído mediante seu próprio protagonismo frente ao coletivo. Se cada pessoa tem um projeto a ser defendido, a malha de relações é uma combinação da trama que se desenvolve entre os muitos fazeres, nos inúmeros e ilimitados encontros nas cenas de produção da vida.

Se reconhecemos que os serviços de caráter social e de saúde não existiriam sem as pessoas que ali trabalham ou os que utilizam, e que as mesmas operam seu cotidiano em circuitos socio-afetivos, vale atentar para as expressões dos territórios existenciais que dão sentido às conexões e fluxos entre todas as pessoas que se colocam em relação.

O ecomapa pode ser um caminho no sentido de abirmos conversas sobre análises que considerem esse contexto. A simples justaposição de pessoas em um cenário qualquer, a copresença em si não faz uma relação que mereça representação em um ecomapa. As relações que ganham o ecomapa já são significativas para a pessoa ou “família-índice” ou outras fontes, mesmo quando representadas como de “fraco” vínculo. Se apareceu no diagrama, é porque há interferências de lado a lado, produção mútua, micropoliticamente falando, mesmo que sejam relações tidas como “disfuncionais”, isto é, nas quais exista uma tensão capaz de causar fragmentação ou acirrar conflitos.

Além disso, cada relação representada no ecomapa é um histórico não terminado de encontros intercessores, ou seja, de uma produção singular de espaços comuns nos quais há cada vez novas constituições de si, novas subjetivações, porque de um encontro intercessor não se sai do mesmo modo que se entrou (23–26), justamente porque todo encontro envolve, entre os que se encontram, um “plano de consistência” (27,28) no qual os afetos tomam os corpos, produzindo-se nos mesmos afecções que podem aumentar ou reduzir sua potência de agir.

Nesse sentido, o recolhimento de “percepções”, em uma leitura “cognitiva”, e com a finalidade de mudança de uma realidade, em uma perspectiva como a sistêmica, ao nosso ver talvez seja somente o primeiro passo, se quisermos compreender outros planos desta realidade, por exemplo, o da produção de subjetividades, ou, melhor dizendo: o dos processos de subjetivação. A subjetividade se produz no contexto social, isto é, a partir das experiências de vida, do vivido. Os múltiplos encontros que cada pessoa tem a cada dia vão operando micro processos de subjetivação, contínuos e ilimitados, e por isso entendemos que seria mais adequado dizer que estamos expostos a processos de subjetivação (27,28), e que portanto experienciamos modulações da nossa subjetividade permanentemente. Sendo assim, não há uma subjetividade estanque e imutável, pelo contrário, está em permanente mudança.

Olhar para uma tal realidade (uma pessoa, sua família e relações comunitárias e de vida em geral) como um “sistema” que se define também pela micropolítica do cotidiano, em permanente produção, nos parece um passo importante frente a uma compreensão fragmentária que considere apenas o “todo” como somatório das “partes” que devem ser analisadas em separado para compor uma visão total do problema, à moda cartesiana de pensar; ou que este “todo” obedeça a uma mecânica reguladora da qual basta conhecermos as leis universais, à moda newtoniana de pensar (12).

Precisamos compreender também o que faz e fez com que certas ações, cuidadoras ou não, acontecessem ou ainda estivessem acontecendo, que relações interligam o quê e quem entre si e como, quando de certos movimentos que no limite nunca são individuais. Assim, qualquer relação não acontece isoladamente, é parte de uma trama sem fim que produz o que Deleuze e Guattari chamaram de cofuncionamento maquínico, um plano abstrato de valores imanentes, ou seja, envolvidos na trama e parte dela, que por sua vez fazem emergir representações mentais sobre tudo que dá sentido à vida naquele momento, isso tudo regendo toda a “máquina” em suas flutuações, possibilitando novas ações e expressões, novos territórios existenciais.

Deste ponto de vista micropolítico, dois desdobramentos poderiam ser destacados, entre outros: a informação, ponto chave tanto para a TGS como para a EC, não existiria por si, sendo vista agora como parte de fluxos maquínicos. Além disso, chamar de “disfunção” certa configuração intercessora, tal como captada por exemplo em um estudo de caso na saúde (5), é um recorte compreensível se pensada a circularidade causa-produto, mas não faz sentido na perspectiva micropolítica. As relações são sempre múltiplas, e interligam multiplicidades entre si, que por sua vez constituem-se de singularidades em acontecimento (28). No máximo se pensa agora em um cofuncionamento que é sempre provisório, pois que logo será sucedido por um outro e depois ainda outro (27–29). Uma versão de nós “cofunciona” com outros de certo modo hoje, mas isso era diferente antes e logo será de outro modo, como se os vários “eus” de cada sujeito emergissem em diferentes momentos da vida e em arranjos agenciados a cada novo encontro. Nesta vista, deste ponto de vista, desenhar um sistema em homeostase seria cristalizar um plano de câmera já muito editado pela própria vida para corresponder a uma “realidade” que fosse minimamente estável, considerando que todos os seus elementos ou estruturas estivessem em seu funcionamento ótimo.

Se as relações estão em uma trama, temos outro desdobramento: o ecomapa talvez possa ser pensado não como “solar” (2), mas como “galáctico”. Com isso queremos dizer que as relações não se dão apenas de forma radial, mas também entre os elementos circunvizinhos e externos ao mapa que nos é possível desenhar a cada momento, e todas essas relações produzem efeitos em toda a trama, sem uma relação hierárquica e fixa entre elas, por vezes com mais vínculo aqui, outras ali, por vezes com inversão de “investimentos” como resultados de relações com outrem, bem ao modo rizomático (28) e que tentamos representar na figura 4.

Além disso, vários ecomapas possíveis e concomitantes ao que desenhamos em um determinado momento – não conhecidos por nós ainda no momento em que fazemos uma primeira análise de um caso, e que talvez nunca sejam desenhados – estão se inter-relacionando o tempo todo, no plano existencial. Então, imaginemos o que seria a sobreposição de vários diagramas como o da figura 4, um sobre o outro em diferentes posições e em três dimensões, constituindo um enorme rizoma tridimensional de feixes de interferências que vão incidir o tempo todo em qualquer relação entre os sujeitos envolvidos (figura 5). Eis de onde tiramos a imagem galáctica – apenas uma tentativa diagramática de uma distribuição “galáctica” de relações.

Outro aspecto que poderíamos discutir, quando trabalhamos micropoliticamente com a ferramenta, é a temporalidade com a qual o ecomapa está implicado. Se tudo que produz a existência

está em permanente movimento, o ecomapa registra só um momento, que ontem ou amanhã provavelmente foi e será diferente . Prova disso é a proposta de uso de ecomapas seriados para um mesmo “caso”, como por exemplo tem sido feito desde Jenson e Cornelson (1987) (7). O que se capta no momento de uma análise, admitindo que o diagrama corresponde à realidade que se vê e se ouve, é um fotograma¹ de um processo que caminha no tempo, acompanhando as vidas em jogo que vão compondo suas trajetórias existenciais.

Entendemos que cabe, então, a pergunta: “é possível desenhar um ecomapa que já inclua sua dimensão temporal?” Um desafio seria, sem dúvida, alimentarmos o ecomapa desde o início não com fotogramas, mas já com trajetórias existenciais (30). Seria possível diagramar as trajetórias que aquela pessoa vem percorrendo como estudante, ou como trabalhadora de uma certa empresa, ou como mãe e/ou cuidadora/protetora de uma família, ou como arrimo de família, ou como o “louco” da comunidade? Ainda, qual seria a história dos núcleos de familiaridade nos quais vive e/ou viveu? Que territórios da vida comum vem frequentando, e nos quais se sente bem, se sente “sendo que é”? Enfim, em que momento da história de suas conexões existenciais este sujeito se encontra neste momento, e que outros momentos igualmente importantes precisam ser lembrados para se pensar suas redes de cuidados, hoje? (30).

Enfim, além de pensar numa cartografia de suas possibilidades espaciais, mapas enredados em outros mapas, em um grande rizoma tridimensional no qual os sujeitos envolvidos teriam pontos de encontro na trama de agenciamentos em que vivem, como fizemos acima, agora consideraríamos esta dimensão temporal no ecomapa. Não temos propostas visuais para oferecer nesse sentido, ainda, mas temos experimentado agregar essas reflexões nos momentos da confecção e da análise de ecomapas.

Enfim, uma ferramenta aparentemente tão simples e despretensiosa como o ecomapa, em si, que já tem sido utilizada para além de seu referencial sistêmico há tempos, acaba por nos oferecer mais uma oportunidade para pensá-lo e usá-lo de modo diferente. O “simples”, então, do ecomapa, lembra a linguagem simples e coloquial usada pelo escritor brasileiro Jorge Amado, como sendo toda comunicação amigável e que vai direto ao ponto, e não um empobrecimento ou superficialidade na análise. Olhá-lo micropoliticamente é abrir ainda mais seus interstícios, para sempre valorizá-lo como ferramenta de “lápiz e folha de papel”, como queria Hartman.

¹ “Fotograma” entendido aqui como cada imagem registrada sucessivamente na tira de um filme, que ao serem projetadas em sequência nos dão a ilusão do movimento. Mas o **fotograma seria** ilusório, visto que a filmagem captou um movimento real.

Considerações finais

Há mais de cinco décadas e ainda sendo utilizado, o ecomapa segue acompanhando outros instrumentos e ferramentas para análises familiares e comunitárias, na saúde e na área social como um todo. Integrando um conjunto de recursos embalados inicialmente pelo pensamento sistêmico, tem sido acoplado a outros referenciais, o que lhe dá ainda maior flexibilidade no uso e reforça ainda mais seu poder disparador de problematizações e mudanças, ainda que sempre provisório, situado no tempo e espaço em que foi elaborado e necessitando permanentemente de atualizações, conforme mudam as situações e acontecem reposicionamentos dos sujeitos nas relações que os configuram.

Embora a feitura e análise de um ecomapa em base sistêmica já representem um importante avanço no sentido de uma atenção integral em saúde, quando se agrega uma perspectiva micropolítica à ferramenta abrem-se ainda novos desafios e tensões, mas também outras possibilidades, colocando-se em evidência aspectos como o caráter das relações entre sujeitos, e as dimensões rizomática e temporal que entremeiam o ecomapa, entre outros.

Podemos dizer que o ecomapa é também um mapa vivo das relações da pessoa e/ou família com sua rede de relações, porque a cada encontro o mapa pode sofrer interferência dos agenciamentos sócio-afetivos em jogo, o que supõe que a capacidade dos corpos se modificarem a cada encontro interfere no mapa, que está em construção permanente. Como este movimento é contínuo, o ecomapa também está sempre se atualizando em movimentos moleculares, definidos pela potência produzida nos encontros.

Quem sabe recursos tecnológicos poderiam dar visibilidades em tempo real, a toda esta mutabilidade. Outros estudos poderão aprofundar as reflexões aqui colocadas, permitindo, por exemplo, que sejam interrogadas as trajetórias existenciais das quais em cada momento só vemos um fotograma, mas que, agora iluminadas pela ferramenta, seriam foco de nossa atenção.

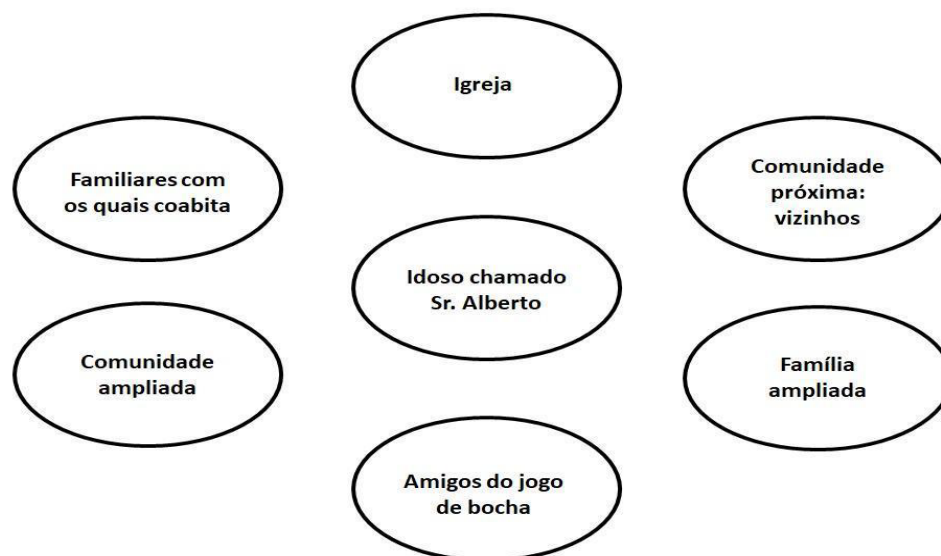
Referencias

1. Hartman A. Diagrammatic Assessment of Family Relationships. *Social Casework* [Internet]. outubro de 1978; 59 (8): 465–76. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/104438947805900803>.
2. Correia RL. O ecomapa na prática terapêutica ocupacional: uma ferramenta para o mapeamento das percepções sobre a participação nas redes sociais de suporte. *Revisbrato* [Internet]. 10 de fevereiro de 2017;1(1):67–87. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/4263>

3. Franco TB, Moreira LCH. A atenção básica e os cuidados intermediários: um debate necessário. In: Franco TB, Mendonça PEX de, Conceição MR, Nicoli MA, Quaranta I, organizadores. Cuidados intermediários e redes de atenção à saúde [livro eletrônico]. 1o ed Porto Alegre: Rede UNIDA; 2020. p. 110–23. (Saúde coletiva e cooperação internacional).
4. Dias LC. Abordagem familiar. In: Gusso G, Lopes JMC, Dias LC, organizadores. Tratado de medicina de família e comunidade: princípios, formação e prática [eBook]. 2o ed Porto Alegre: Artmed; 2019. p. 910–40.
5. Fernandes CLC, Falceto OG, Wartchow ES. Abordagem familiar. In: Duncan BB, Schmidt MI, Giugliani ERJ, Duncan MS, Giugliani C, organizadores. Medicina ambulatorial: condutas de atenção primária baseadas em evidências [Internet]. 4o ed Porto Alegre: Artmed; 2013. p. 86–98. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1079463>
6. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Caderno de atenção domiciliar. Vol. 02. Brasília: Ministério da Saúde; 2012. 15 p.
7. Jenson K, Cornelson BM. Eco-maps: a systems tool for family physicians. *Can Fam Physician*. janeiro de 1987; 33: 172–7.
8. Harold R, Mercier LR, Colarossi L. Eco maps: a tool to bridge the practice-research gap. *Journal of Sociology and Social Welfare* [Internet]. 1997; 24: 29–44. Disponível em: </paper/Eco-maps-%3A-A-tool-to-bridge-the-practice-research-Harold-Mercier/5b9c13cd14fd221d329492f95a8b4dcf1f23de4a>
9. Agostinho M. Ecomapa. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar* [Internet]. 2007; 23 (3): 327–30. Disponível em: <https://www.rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/10366>
10. Oliveira IC, Cutolo LRA. Integralidade: Algumas Reflexões. *Rev bras educ méd* [Internet]. 2018;146–52. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022018000300146
11. Tesser CD, Luz MT. Racionalidades médicas e integralidade. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2008; 13: 195–206. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/dXWYqZpL6fwdfVhGmMLqxQ/abstract/?lang=pt>
12. Luz MT. Natural racional social: razão médica e racionalidade científica moderna [Internet]. 2o ed. São Paulo: Hucitec; 2004.
13. Merhy EE. Engravitando palavras: o caso da integralidade. In: *Construção social da demanda*. Rio de Janeiro: CEPESC/UERJ/ABRASCO; 2005. p. 195–206.
14. Stauffer RC. Haeckel, Darwin, and Ecology. *The Quarterly Review of Biology* [Internet]. 1957; 32 (2): 138–44. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/401754>
15. Vasconcellos MJE de. *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas-SP: Papyrus; 2010.
16. Gomes LB, Bolze SDA, Bueno RK, Crepaldi MA. As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. *Pensando famílias* [Internet]. 2014; 18 (2): 3–16. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-494X2014000200002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
17. Francelin MM. Abordagens em epistemologia: Bachelard, Morin e a epistemologia da complexidade. *Transinformação* [Internet]. 2005; 17 (2): 101–9. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384334739001>
18. Alves MC, Seminotti N. O pequeno grupo e o paradigma da complexidade em Edgar Morin. *Psicol USP* [Internet]. 2006; 17 (2): 113–33. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642006000200006&lng=pt&tlng=pt

19. Cibanal Juan L. Introducción a la sistémica y terapia familiar [Internet]. San Vicente, Alicante: Club Universitario; 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/8tH7ktMLYjTxKQyqMJsQPMm/?lang=pt>
20. Campos FAAC. Terapia familiar: contribuições a prática clínica em saúde mental. Saúde em Redes [Internet]. 2020; 6 (2): 115–1526. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/2462>
21. Deleuze G. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta; 2002.
22. Spinoza B de. Ética. Belo Horizonte: Autentica; 2011.
23. Deleuze G. Curso de 24 de janeiro de 1978 - o afeto e a ideia. In: Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981). 3o ed Fortaleza: EdUECE; 2019. p. 33–70.
24. Deleuze G. Os intercessores. In: Conversações 1972-1990. São Paulo: 34; 2008. p. 151–68. (Coleção Trans).
25. Merhy EE. O ato de cuidar: a alma dos serviços de saúde. In: Ver-SUS Brasil: cadernos de textos. Brasília: Ministério da Saúde; 2004. p.108–37. (Textos Básicos de Saúde).
26. Merhy EE. Micropolítica do encontro intercessor apoiador-equipe, substrato para um agir intensivista. Saúde em Debate. 2010; 34(86): 433–5.
27. Deleuze G, Guattari F. 10.1730-Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível. In: Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. 1o ed São Paulo: Ed. 34; 1997. p. 8–100. (Coleção TRANS; vol. 5).
28. Deleuze G, Guattari F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. 1o ed. São Paulo: Editora 34; 2000. (Coleção TRANS; vol. 1).
29. Guattari F. Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34; 2006. (Coleção Trans).
30. Merhy EE, Feuerwerker LCM, Silva E. Methodological contributions towards the study of health care production: lessons from a research study on barriers and access in mental health. Salud Colect. abril de 2012; 8 (1): 25–34.

Figura 1: Exemplo de ecomapa aplicado a uma sujeito.



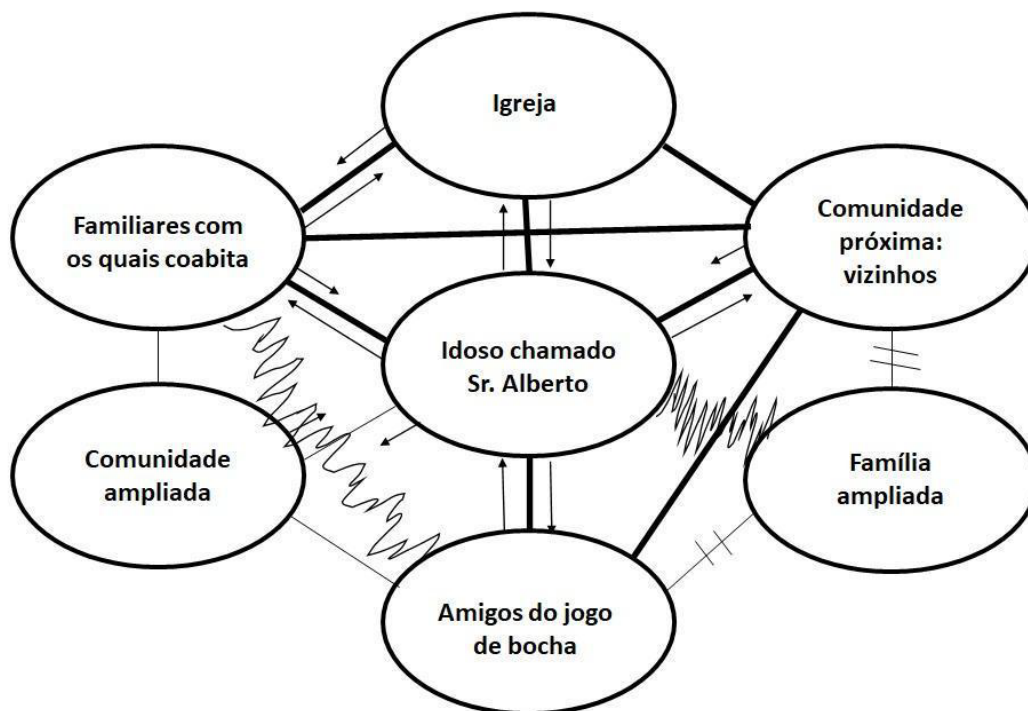
Fonte: os autores.

Figura 2. Linhas codificadas para o ecomapa



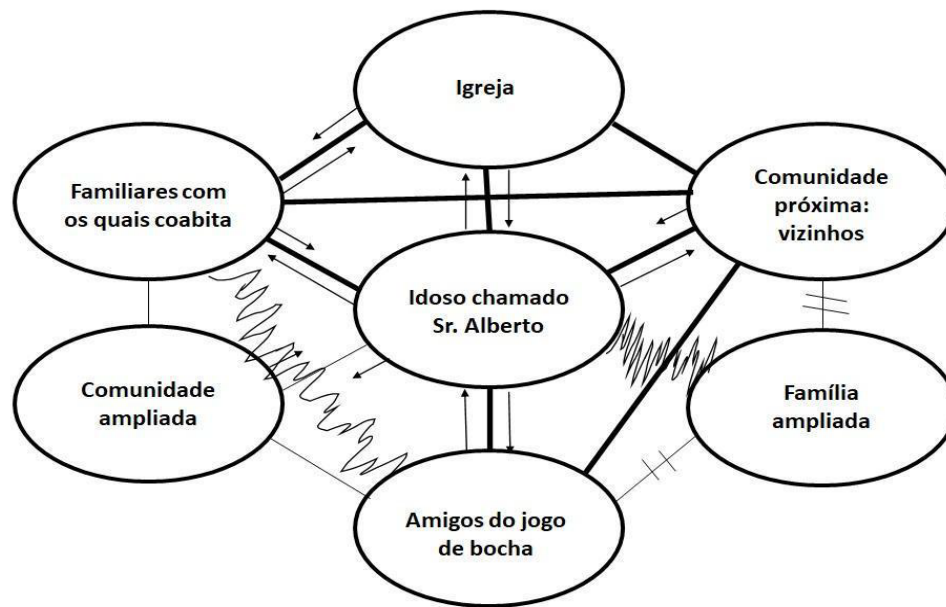
Fonte: os autores, adaptado de (2,7,8).

Figura 3. Exemplo completo de ecomapa.



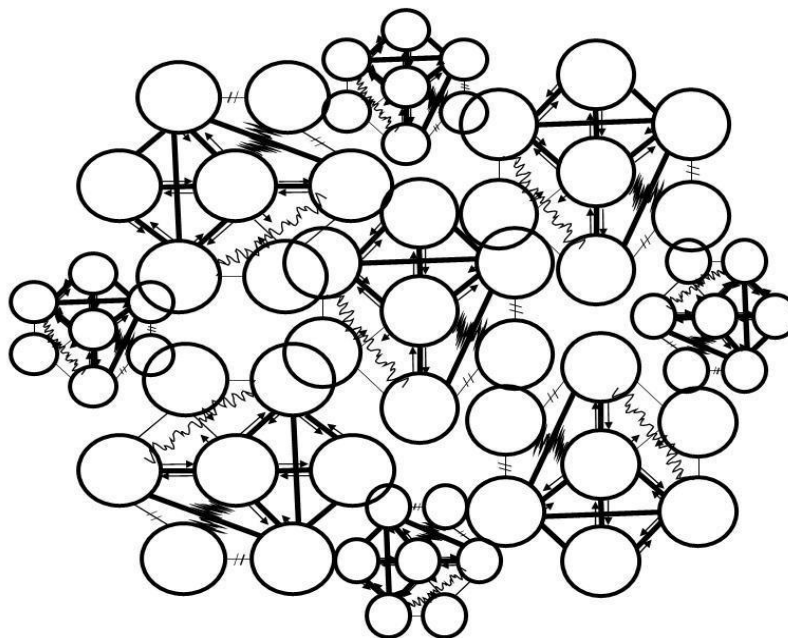
Fonte: os autores.

Figura 4. Exemplo de ecomapa no qual se introduzem algumas das relações colaterais.



Fonte: os autores.

Figura 5. Uma representação possível de uma confluência “galáctica” de ecomapas.



Fonte: os autores.

Como citar: Slomp Junior H, Merhu EE, Franco TF. O mapa das redes de conexões existenciais: uma leitura micropolítica da ferramenta ecomapa. *Saúde em Redes*. 2022; 8 (Supl1). DOI: 10.18310/2446-4813.2022v8nsup1p321-337

Recebido em: 03/03/21

Aprovado em: 28/07/21